

Nome: _____ Nº: _____

Turma: _____ Ano/Série: 3ª série Data: _____

Componente Curricular: Ensino Religioso _Professor(a): Fabiana Montin

A VIDA DOS OUTROS (Livro)

Especismo

É a atribuição de valores ou direitos diferentes a seres dependendo da sua afiliação a determinada espécie. O termo é usado para se referir à discriminação que envolve atribuir a animais sencientes diferentes valores e direitos baseados na sua espécie.

Há, de fato, um holocausto diário, uma guerra permanente, uma carnificina sem precedentes. E não nos damos conta, não queremos nos dar conta, nem ao menos queremos pensar no assunto, justificamos por antecipação como inevitável, normal, moralmente aceitável e não um problema teológico.

Afinal são apenas animais, e animais, não podem estar ao lado do sofrimento e da morte dos pobres, do femicídio, dos genocídios dos negros e indígenas, da incompreensão para com a perseguição contra os homossexuais e outros atentados contra os direitos humanos.

Justificar que os defensores de animais não amam pessoas, especialmente não amam as crianças, ou que são desajustados, fanáticos e inconsequentes, radicais em busca de causas para as suas desilusões, ou coisas que o valham, só empobrece o espírito humano e deixa desprotegidos os indefesos animais, que não só requerem a nossa compaixão e favor, mas justiça.

Do ponto de vista **ecológico**, os seres da natureza tecem uma complexa dança com a terra e o clima. O todo é o que importa, e as partes representam um papel importante, funções de equilíbrio ou de desequilíbrio.

O paradigma **antropocêntrico** só pode ser superado se for superado o especismo que, além de só considerar espécies e não cada ser ou criatura, considera os animais, sem falar os outros seres como inferiores e a serviço dos propósitos da espécie, o homem.

Quando falamos de animais, estamos falando de seres que são sujeitos de uma vida (**Tom Regan**), e que têm interesses e preferências (**Peter Singer**), mesmo que ninguém se interesse por eles. Animais têm interesse de liberdade, de saúde e de vida. A questão animal precisa sair da periferia a que está relegada.

Freud resumiu a história antropocêntrica do homem em 3 humilhações:

1º) Copérnico (1473-1543) ousou retirar da terra o centro do universo, e com ela também o ser humano habitado nela; **2º) Darwin** (1809-1882) se encarregou de mostrar que entre os homens e os animais a diferença é apenas o grau evolutivo então um salto absoluto e original e, assim sendo, o ser humano não ocuparia um lugar privilegiado na ordem da criação: descendemos da evolução animal apesar da

narrativa bíblica de que somos criaturas especialmente criadas pela palavra e pela mão de Deus; **3º) Marx e Freud** se encarregaram de mostrar que não é razão que governa nossa vida e nossa história. O que governa soberanamente é a economia, diz Marx, e a esfera da consciência (filosofia, arte, religião, moral, Estado) reflete a posição social que ocupamos na esfera da produção da vida. Freud, seguindo Shopenhauer, completa o quadro dizendo que o inconsciente é o poder dos poderes e a esfera da consciência é apenas uma tênue superfície no oceano da vida humana.

Jung e São Francisco de Assis, afirmam a necessidade de inclusão dos animais na esfera da moralidade, do direito e da teologia.

Houve um tempo em que os negros, as mulheres, eram destituídos de direitos. Houve – racismo e machismo-, houve um tempo em que os animais eram destituído de direitos, trata-se de especismo.

Pitágoras, filósofo e matemático grego, pode ser considerado o pai, dentro da cultura grega, da defesa dos animais. Diz que os humanos e os animais compartilham do privilégio da alma e, por conta disso, ele proibia não somente matar, mas também alimentar-se com carne de animais, prescrevendo uma dieta vegetariana. O privilégio da alma une de tal forma os humanos e os animais não humanos que estes são de, forma alguma, ontologicamente, diferentes daqueles, mas são uma forma de encarnação sua. Essa crença é coerente com a crença na transmigração das almas-ou metempsicose, que em nada diminuía o humano, mas eleva o animal não humano fazendo-o merecedor de justiça e compaixão por causa do parentesco com o humano.

A argumentação de **Aristóteles**, que se tornará dominante na tradição moral antropocêntrica ocidental, fundamenta-se na diferença entre humanos e animais não humanos, exatamente no que tange à alma. Os homens são animais, isso aí, Aristóteles não contesta, mas só os homens têm a alma racional, e por conta disso, estão numa escala superior dos seres, os homens são animais racionais, e os animais não são racionais. A argumentação é parecida com aquela de que Aristóteles se vale para desqualificar os escravos em relação aos homens livres.

As ambiguidades entram no mundo cristão, **Santo Agostinho** diz que os animais estão aí para nos servir, **Santo Tomas de Aquino**, categoriza “do menos perfeito para o mais perfeito”, **São Francisco** diz que todos são criaturas de Deus, somos todos irmãos.

Aí reside, como a maneira mais radical de pensar a finitude que compartilhamos com os animais, a mortalidade que pertence à finitude propriamente dita da vida, à experiência da compaixão, à possibilidade de compartilhar a possibilidade desse não poder, a possibilidade dessa impossibilidade, a angústia dessa

vulnerabilidade e vulnerabilidade dessa angústia (DERRIDA,
2002, P.55)